LIVROS DE DEVOÇÃO A SANTA BÁRBARA: UMA AUSÊNCIA NAS LIVRARIAS DOS MOSTEIROS DE SÃO SALVADOR DE VAIRÃO E DE REFOJOS DE BASTO*

PAULA ALMEIDA MENDES
CITCEM – UNIVERSIDADE DO PORTO
pmendes@letras.up.pt
https://doi.org/10.21747/0873-1233/spi31a4

RESUMO: A hagiografia de Santa Bárbara, de origem oriental, conheceu uma ampla divulgação graças à *Legenda Aurea* de Jacques de Voragine, que estimulou, sobretudo a partir do final do século XV, a produção de «Vidas» avulsas e orações dedicadas à virgem e mártir de Nicomédia. Estes textos contribuíram, em larga medida, para a cristalização do culto e da devoção em torno de Santa Bárbara, invocada, sobretudo, para proteger os fiéis dos trovões e da morte súbita: assim o atesta um significativo conjunto de obras produzidas em Portugal, a partir do século XVI. O Terramoto que assolou a cidade de Lisboa, em 1 de Novembro de 1755, e as suas consequências contribuirão para a revalorização da devoção a Santa Bárbara, declinada em textos hagiográficos, orações e imagens que procuravam responder a um conjunto de inquietações sentidas pela população portuguesa. Tendo como pano de fundo esta problemática, esta comunicação pretende chamar a atenção para os textos que, em Portugal, ao longo da Época Moderna, sustentam a devoção e o culto em torno de Santa Bárbara, tentando compreender as razões que justificarão a sua ausência nas livrarias dos mosteiros de Refojos de Basto e de São Salvador de Vairão.

PALAVRAS-CHAVE: Hagiografia; Devoção; Santa Bárbara; Livrarias monásticas; Portugal.

ABSTRACT: The hagiography of Saint Barbara, of oriental origin, was widely disseminated thanks to the *Legenda Aurea* by Jacques de Voragine, which stimulated, especially from the end of the 15th century, the production of individual "Lives" and prayers dedicated to the virgin and martyr of Nicomedia. These texts contributed, to a large extent, to the crystallization of the cult and devotion around Saint Bárbara, invoked, above all, to protect the faithful from thunder and sudden death: this is attested by a significant set of works produced in Portugal, from the 16th century. The Earthquake that struck the city of Lisbon, on November 1, 1755, and its consequences contributed to the revaluation of

* Agradeço a Pedro Lage Correia a sua atenta leitura. Este artigo inscreve-se no âmbito da investigação desenvolvida pela autora no projecto exploratório "Letras no Claustro: Bibliotecas monásticas a Norte de Portugal da Idade Média ao século XIX", financiado pela Fundação para a Ciência e a Tecnologia, com a ref.ª EXPL/LLT-OUT/0720/2021.

devotion to Saint Bárbara, expressed in hagiographic texts, prayers and images that sought to respond to a set of concerns felt by the Portuguese population. With this issue as a backdrop, this communication aims to draw attention to the texts that, in Portugal, throughout the Modern Period, support the devotion and cult around Saint Barbara, trying to understand the reasons that justify its absence in libraries of the monasteries of Refojos de Basto and São Salvador de Vairão.

KEYWORDS: Hagiography; Devotion; Saint Barbara; Monastic libraries; Portugal.

1.Equacionar a moldura das devoções no Portugal moderno implica considerar uma dimensão em que se cruzam e mesclam sensibilidades e sensorialismos de vária natureza, escorados, em boa medida, na prática da leitura e na veneração das imagens.

O contexto da espiritualidade, no Portugal de Setecentos, encontra-se, como é sabido, na confluência do Concílio de Trento e do peso das suas directrizes – disso é exemplo a revalorização do culto da Virgem Maria e dos santos e da devoção às imagens e às relíquias, que conduziu a uma produção e a uma divulgação maciça de um amplo filão literário de pendor devocional e normativo –, assim como de tendências e medidas que se revestiam também de uma dimensão de natureza política com orientação regalista, em sintonia com os «sopros» das Luzes, como o mostra a «coagulação» de uma certa voga jansenizante[1], mas também de, como já realçou Zulmira Santos, «tentativas "ilustradas" de renovar uma piedade que se exigia cada vez mais interiorizada», apelando à sensibilidade e aos afectos[2]. Com efeito, se a Razão se foi configurando como o 'leitmotif' que travejou o século XVIII, instaurando-se, paulatinamente, em meios católicos norteados pela *Aufklärung*, como uma espécie de resposta reaccionária a práticas espirituais de cariz mais «sensorializado», também é verdade que estas não deixaram de ser exercitadas, sendo, de resto, estimuladas através de um amplo veio literário, constituído por hagiografias, biografias devotas, novenas, «manuais de oração» ou pagelas e gravuras que cristalizavam a devoção à Virgem Maria, ao Sagrado Coração de Jesus[3] ou a Santo Agostinho[4].

---

[1] SANTOS, Cândido dos – *António Pereira de Figueiredo, Pombal e a Aufklärung.* «Revista de História das Ideias. O Marquês de Pombal e o seu tempo». Tomo I. Coimbra: Instituto de História e Teoria das Ideias /Faculdade de Letras (1982), pp. 167-203.

[2] SANTOS, Zulmira Coelho – *Luzes e Espiritualidades. Itinerários do século XVIII.* In AZEVEDO, Carlos Moreira de (dir.) – *História Religiosa de Portugal.* Vol. II. Lisboa: Círculo de Leitores, 2000, p. 38.

[3] Veja-se, a título de exemplo, a obra de CRUZ, D. Fernando da – *Despertador do amor divino, em huma irmandade entre religiosas, consagrada ao dulcíssimo incendio das almas, à deliciosa prenda dos coraçoens* […]. Lisboa: na Officina de Miguel Deslandes, 1695.

[4] SANTO AGOSTINHO, António de – *Aguia Africana voando pelos nove coros angelicos ou novena do clarissimo sol*

Efectivamente, apesar dos novos «ventos» das Luzes, a segunda metade de Setecentos, que corresponde, em parte, aos tempos da governação exercida pelo Marquês de Pombal, continuou a favorecer a difusão de devoções, não raras vezes relacionadas com as consequências da ocorrência de calamidades, como o Terramoto de 1755. O desastre natural que abalou a cosmopolita cidade de Lisboa em 1 de Novembro de 1755 deixou um lastro de destruição, traduzido na perda de vidas humanas e de património material e amplificado em medos e receios de vária natureza. Esta moldura, enformada pelas consequências do Terramoto de 1755 – e pese embora o facto de o Estado ter accionado mecanismos de resposta, no sentido de minimizar e controlar efeitos e prejuízos causados por este desastre natural, configurando uma estratégia em que o Marquês de Pombal assumirá um papel de incontestável destaque[5] - contribuirá para a revalorização e divulgação de devoções, declinadas em textos hagiográficos e imagens[6] que procuravam responder a um conjunto de inquietações, não raras vezes «galvanizadas» por um discurso declinado em obras como o *Juízo da Verdadeira Causa do Terramoto* (1756) do Padre Gabriel Malagrida, que defendiam que o terramoto havia sido um castigo de Deus, sublinhando a sua dimensão punitiva, devido à imoralidade das gentes e dos costumes[7]. Naturalmente, este enquadramento favoreceu a devoção polarizada em torno de santos invocados, desde há muito, no sentido da protecção contra catástrofes naturais, tais como terramotos e tempestades, ou a salvação da morte súbita.

As livrarias dos mosteiros de São Miguel de Refojos de Basto[8] e de São Salvador de Vairão, ambos beneditinos, constituem um observatório significativo no que diz respeito à auscultação da divulgação de devoções através do formato livresco.

Na livraria do mosteiro de São Salvador de Vairão, destacam-se obras que promovem a devoção cristológica - *Corte Celeste, ou Devocam muy Agradavel ao Nosso Divino Redemptor, e Salvador Jesu Christo: efficacissima para conseguir*

---

da Igreja, o grande Padre S. Agostinho. Lisboa: na Officina de Joseph Antonio da Silva, 1733; NOSSA SENHORA DO CARMO, Padre António de – *Novena para a festa do grande Padre e Santissimo Patriarcha, Aurelio Agostinho, bispo de Hipponia, e Doutora da Igreja, que se celebra nos mosteiros dos Conegos Regulares da reformada congregação de Santa Cruz de Coimbra*. Lisboa: na Of. de José da Silva da Natividade, 1744.

[5] REAL, Miguel – *O Marquês de Pombal e a cultura portuguesa*. Matosinhos: Quidnovi, 2005.

[6] Veja-se o muito significativo número de estampas e gravuras inventariadas por SOARES, Ernesto – *Inventário da colecção de registos de santos*. Lisboa: BN, 1955.

[7] MARQUES, João Francisco – *A acção da Igreja no terramoto de 1755: ministério espiritual e pregação*. «Lusitania Sacra», 2ª série, tomo XVIII (2006), pp. 219-329; ARAÚJO, Ana Cristina – *O Terramoto de 1755: Lisboa e a Europa*. Porto: CTT-Correios de Portugal, 2005.

[8] MONTEIRO, Ana Isabel Líbano – *Livraria monástica de S. Miguel de Refojos: Letras e Artes*. In TAVARES, Pedro Vilas Boas; OLIVEIRA, Fátima (coord.) – *Ora et Labora em Refojos de Basto. Espacialidades, materialidades, espiritualidades. Atas III Seminário Internacional de Cabeceiras de Basto*. Cabeceiras de Basto: Câmara Municipal

especiaes graças, e a Bemaventurança: com additamento de varias oraçoens, e devoções, Ladainha do Santissimo Nome de Jesus, N. Senhora, e dos Santos (1751) de António Marques Gomes –, a devoção mariana - *Meditaçoens sobre os Principaes Misterios da Virgem Santissima Senhora Nossa, Mãe de Deos, e Rainha dos Anjos, e Advogada dos pecadores* (1737) do Padre Manuel Bernardes, *Novenas para os principaes misterios de Maria Santissima: a que se juntao duas Virgem Senhora do Carmo & do Rosario* (1713) e *Devoto de Maria Santissima instruído em vários modos que se lhe propõem para praticar a sua devoção* (1705) do Padre Manuel Consciência –, assim como a devoção ao Anjo da Guarda - *Tratado do Anio da Guarda* (1621) do Padre António de Vasconcelos (S.J.) –, ou a Santo António - *O Racional da Graça, Trezena predicativa de Santo Antonio repartida em treze discursos dos dias de sua celebridade*. (1740) de Fr. Lucas de Santa Catarina, e *Trezena de St Antonio, ou culto devoto para serem buscados os treze dias em que o celebra a Igreja* (1748).

Na livraria do mosteiro de Refojos de Basto, destacam-se, sobretudo, os livros de devoção mariana, como a *Devoção às Dores de Maria Santissima* (1763) ou *Favores de Maria Santissima Senhora Nossa a Seus Devotos* (1719) de Bernardino de Vilhegas.

Neste conjunto, valerá a pena notar que as consequências provocadas pelo terramoto de 1755 justificarão, certamente, a existência das seguintes obras na livraria de São Salvador de Vairão: *Vida e milagres de Santo Emygdio, bispo e martyr, advogado contra os tremores de terra* (1761) do Padre João Chevalier e *Relaçaõ, e noticia dos Reinos, e Cidades da Cristandade, que tem tomado a S. Francisco de Borja por Patrono contra os Terramotos. Beneficios, que receberaõ seus habitantes com este Patrocinio* (1756) de Fr. João de Santa Maria de Jesus.

O culto de Santo Emídio alcançou uma significativa difusão após o terramoto que abalou a região de Ascoli, em Itália, em 1703, na medida em que a este bispo e mártir se deveu a protecção da cidade. De molde a divulgar esta devoção em Portugal – que se tornava, de certo modo, urgente, devido aos medos e receios originados pelo Grande Terramoto de 1755 – o P.e João Chevalier, um oratoriano que Pombal mandou prender e que se refugiou na Holanda edita a *Vida e milagres de Santo Emygdio, bispo e martyr, advogado contra os tremores de terra* (1761).

Por sua vez, a devoção polarizada em torno de São Francisco de Borja conhece um novo alento com a edição de *A heróica vida, virtudes e milagres do grande S. Francisco de Borja, antes duque de Gandia, e depois terceiro geral da Companhia de Jesus. Escripta em castelhano por D. Alvaro Cienfuegos, traduzida e resumida em portuguez* por José Ribeiro Neves (1757), da *Nova Relaçam dos prodígios, e sucessos mais admiráveis, com que Deos tem singularizado a protecção*

de S. Francisco de Borja, especial advogado contra os terremotos: a que se ajunta a novena do mesmo santo, com huma devoção sua para cada dia da semana, utilíssima a todo género, e estado de pessoas, que dezejão viver sem os sustos do terrivel flagelo, com que a terra em seus tremores tão frequente nos ameaça (Lisboa, na Officina Patriarcal de Francisco Luiz Ameno, 1756), das *Supplicas humildes ou bemdito, para se cantar em louvor do grande e invictíssimo S. Francisco de Borja, singularíssimo patrono de Portugal. Com a deprecação a Santa Izabel Rainha de Portugal* (1756); e de *Coimbra empenhada, e desempenhada com o sempre grande, e principal patrono destes reinos, e suas conquistas, contra os terremotos S. Francisco de Borja da Companhia de Jesus* (1756).

Atendendo a este contexto, justificar-se-á a edição da *Vida prodigiosa da grande virgem, e martyr Santa Agueda, especialíssima advogada contra os incêndios, e terremotos* (1756), assim como o *Officio e novena da gloriosa Virgem e Martyr Senhora Santa Barbara* (1762), configurando uma moldura que se poderá considerar amplificada com as obras, em formato portátil (12º), *Escudo impenetravel aos trovoens, rayos, peste, e ar corrupto: administrado por Sta. Barbara, virgem, e martyr: accrescentado com a cruz de S. Bento, oraçaõ de S. Sebastiaõ, cabeça de S. Anastasio, estaçaõ do SS. Sacramento, breve, e oraçaõ de S. Roberto contra maleficios, oraçaõ de S. Antonio, Evangelho de S. Joaõ, e a novena das Almas* (Coimbra, s/d), *Desempenho Sagrado contra todo o empenho diabólico, ou celeste cofre de preciosas reliquias contra todo o poder tartáreo: permissivamente praticado em horríveis terremotos, perniciosos malefícios, mortes infaustas, partos infelices, rayos, e tempestades, ou outras quaisquer infestaçoens […] dedicado ao senhor S. Bento*[9] (1756) de Luís Correia da Silva ou *Dia de Todos os Sanctos exposto á lembrança dos esquecidos, por meyo de huma devota Novena, que vay dirigida , e offerecida ao Senhor Jesus dos Terremotos, a qual imagem se venéra no Convento de S. Bento de Xabregas* (1756) do Padre José da Conceição (C.S.J.E.), que inclui orações a São Miguel, São João Evangelista, Santa Maria Madalena, São Francisco de Borja e Santa Bárbara.

Neste sentido, a significativa produção de obras polarizadas em torno da devoção a Santa Bárbara ocupa, neste conjunto, uma expressão clara. No entanto, nenhum dos inventários em apreço inclui qualquer referência à existência de exemplares de obras sobre Santa Bárbara. Qual a razão para esta ausência?

2. O caso de Santa Bárbara constitui um exemplo paradigmático de «santidade ou devoção incómoda», mas que, apesar dessa condição, continua a ser uma das virgens e mártires a quem, em determinadas situações complexas

[9] A obra é acompanhada por xilogravuras de São Bento e de Santa Bárbara (cf. p. 151).

e difíceis, os fiéis mais recorrem. Trata-se, assim, do exemplo de uma santa, divulgado através de várias hagiografias, da iconografia e da estatuária, de cuja existência histórica muito pouco se conhece, havendo, como tal, muitas incertezas. Santa Bárbara configura-se, como uma ampla bibliografia já realçou – e valerá a pena realçar o trabalho de natureza filológica desenvolvido pelos bolandistas -, como uma «personagem lendária»: terá sido esta uma das razões que levaram Paulo VI a retirá-la do Santoral, em 1969[10]. Mas essa circunstância não impediu que o seu culto e a devoção em seu torno permanecessem muito presentes não apenas em meios populares, como também em círculos eruditos.

Os vários autores que se debruçaram sobre a figura de Santa Bárbara realçaram já a complexidade de que se reveste a formação da sua *legenda* – desde logo, se destacam as discrepâncias no que diz respeito ao local em que terá sofrido o martírio -, à semelhança do que se verifica em relação aos relatos das «Vidas» de outros santos, muito especialmente de mártires ou virgens[11]. François Halkin, em *Bibliotheca hagiographica graeca* (1957)[12] e na *Bibliotheca Hagiographica Latina I* (1898-1899)[13], apresenta um conjunto muito significativo de versões em grego e de traduções latinas da *Passio* desta virgem, que terá nascido em Nicomédia, na região do mar da Mármara, e terá sido martirizada pelo próprio pai.

Baudoin de Gaiffier defende que «la recensión latine la plus répandue et en même temps la plus ancienne en Occident» é a que corresponde ao número 913 da *Bibliotheca Hagiographica Latina* e que o mais antigo manuscrito em que se refere a «Passio» de Santa Bárbara é o codex Augiensis XXXII da primeira metade do século IX[14].

Ao longo da baixa Idade Média, e sobretudo a partir do séc. XV, será a «legenda» estabelecida por volta de 1495, pelo agostiniano Jean de Wackerzeele, também conhecido como Jean de Louvain, que conhecerá uma difusão muito significativa – primeiro manuscrita e depois impressa – e será introduzida em

[10] O seu *dies natalis*, na tradição ocidental, celebrava-se a 4 de Dezembro.

[11] Sobre a «contaminação de relatos, cf. DELEHAYE, Hippolyte – Cinq leçons sur la méthode hagiographique. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1934; SAINTYVES, Pierre – Les Saints Successeurs des Dieux. Paris: Librairie Critique Émile Nourry, 1907; TAVIEL DE ANDRADE, Bárbara - Andadura, atributos y patrocínios de una mujer legendaria: Santa Bárbara. Entre unos orígenes oscuros y una actualidad manifiesta». In CAZAL, Françoise; ARIZALETA, Amaia; GONZÁLEZ FERNÁNDEZ, Luis; GUELL, Monique; RODRÍGUEZ, Teresa (ed.) - Pratiques hagiographiques dans l'Espagne du Moyen-Âge et du Siècle d'Or. Tome 2. Toulouse: Presses Universitaires du Midi, 2007, pp. 543-571.

[12] HALKIN, François – Bibliotheca hagiographica Graeca. Bruxelles: Société des Bollandistes, 1957, p. 75-78.

[13] HALKIN, François – Bibliotheca hagiographica Latina. Vol. I. Bruxelles, Société des Bollandistes, 1898-99, p. 142.

[14] GAIFFIER, Baudoin de – La Légende de Sainte Barbe par Jean de Wackerzeele. «Analecta Bollandiana», t. 77, 1959.

dois incunábulos da *Legenda Aurea* de Jacobo de Voragine (que não incluía a hagiografia de Santa Bárbara na sua redacção original)[15].

Em todo o caso, é bem sabido como, sobretudo a partir do século XVI – e pese embora o sucesso que algumas obras, como, por exemplo, a *Legenda Aurea*, vinham conhecendo-, várias vozes, sobretudo de humanistas e de reformados, foram colocando «em xeque» a historicidade e o rigor de muitas das narrativas que a configuravam, principalmente através das acérrimas críticas à desmedida valorização do maravilhoso (sobretudo dos milagres) nas «Vidas» de alguns santos[16]… Neste sentido, não nos deve causar estranheza que, desde os inícios do século XVI, o género hagiográfico tenha vindo a receber «sopros» de renovação e de modernização, para o que muito terão contribuído as contestações de alguns humanistas, as posições dos protestantes[17], os contributos de Witzel, Lippomano[18] e Surius e, posteriormente, já no século XVII, a actividade dos bolandistas[19] e dos beneditinos de Saint-Maur.

Por sua vez, Erasmo, no seu *Enchiridion militis christiani* (1503), chama a atenção sobre certos aspectos que configuram o culto dos santos. Em todo o caso, não se trata de uma desaprovação, mas de uma chamada de atenção sobre os usos e funcionalidades de que se poderia revestir, no que diz respeito a algumas práticas relacionadas com a superstição:

> *uno ay que tiene por devoción de saludar cada día a sant Cristóval… porque tiene creydo que con hazer aquello está ya seguro aquel día de muerte desastrada. Outro adora a outro santo llamado sant Roque. Y esto, por qué? No por más de porque cree que aquél le ha de escapar de pestilencia. Outro reza sus ciertas oraciones a santa Bárbara y sant Jorge, sin saber lo que se dize, por no venir a manos de sus enemigos que aborrece. Outro tiene por devoción de ayunar a santa Apolonia, porque no le duela la muela. Otro*

[15] TAVIEL DE ANDRADE, Bárbara - Andadura, atributos y patrocínios de una mujer legendaria: Santa Bárbara. Entre unos orígenes oscuros y una actualidad manifiesta», ob. cit.

[16] Sobre o alcance destas críticas, veja-se: GUERRA, Anna Morisi – Prefazione a ROTTERDAM, Erasmo da – Vita di San Girolamo. Roma: Japadre Editore L'Aquila, 1988, pp. 5-27; PROSPERI, Adriano – L'elemento storico nelle polemiche sulla santità. In ZARRI, Gabriella (a cura di) – Finzione e Santità tra medioevo ed età moderna. Torino: Rosenberg et Sellier, 1991, p. 88-118; DUNN-LARDEAU, Brenda – Le conseguenze dell'Umanesimo e del Concilio di Trento sulla scrittura agiografica. In LUONGO, Gennaro (a cura di) – Erudizione e devozione. Le Raccolte di Vite di santi in età moderna e contemporanea. Roma: Viella, 2000, p. 19-35.

[17] CAVALLOTTO, Stefano – Santi nella Riforma. Da Erasmo a Lutero. Roma: Viella, 2009 (Sacro/Santo; 12).

[18] GAJANO, Sofia Boesch – La raccolta di vite di santi di Luigi Lippomano. Storia, struttura, finalità di una costruzione agiografica. In GAJANO, Sofia Boesch (a cura di) – Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruzioni. Fasano di Brindisi: Schena Editore, 1990, pp. 111-130.

[19] GORDINI, Gian Domenico – L'opera dei bollandisti e la loro metodologia. In Santità e agiografia. Genova: Casa Editrice Marietti, 1991, pp. 49-73.

> *visita el vulto de Job ordinariamente, porque andando en sus vícios, no se le pegue qualque lepra. Ay otros tratantes que prometen de dar a los pobres cierta parte de la ganancia, no con otra ninguna charidad sino porque su mercadería no se pierda por la mar. Otros incienden su candeliça a sant Jerón o a sant Antón, porque les depare lo perdido*[20].

Também no *Elogio da loucura*, Erasmo aborda o tema, ironicamente:

> *Ora, não há qualquer dúvida de que é inteiramente farinha do meu saco aquela casta de homens que se alegra por igual em escutar e em contar pasmosas patranhas. […] Semelhantes a estes são também aquelas pessoas a quem se meteu na cabeça a convicção, certamente louca, embora agradável, de que, se puserem os olhos numa imagem, pintada em madeira, de algum Cristóvão Polifemo, nesse dia não irão morrer, ou que, quem saudar com as preces da praxe uma escultura de Bárbara, há de regressar são e salvo da guerra.[…] E o mesmo se se trata de um santo mais ou menos fabuloso e imaginado, de modo que, se vocês querem um exemplo, apresente-se algum do estilo de S. Jorge ou de S. Cristóvão ou de Santa Bárbara: poderão ver como estes serão reverenciados com muitíssimo mais devoção do que Pedro ou Paulo, ou até o próprio Cristo*[21].

Também poderemos encontrar, em fontes portuguesas, exemplos que provam a difusão da hagiografia de Santa Bárbara. Como exemplo, recordemos a *Passio Sanctae Barbarae Virginis et Martiris*, que integra um manuscrito do século XII do mosteiro de Alcobaça, actualmente à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal[22].

O aparecimento da imprensa de caracteres móveis contribuirá também, em grande medida, para a difusão da «Vida» desta virgem e mártir: assim o mostra a edição de 1513 do *Flos Sanctorum*[23]. Em todo o caso, a presença de Santa Bárbara na moldura hagiográfica poderá considerar-se ampliado após o Concilio de Trento. Com efeito, a partir da segunda metade do século XVI, assistiu-se a um aumento muito significativo da produção de «Vidas» de santos e de «Vidas» de devotos em Portugal, que continuou, apesar de apresentar algumas oscilações, até aproximadamente meados do século XVIII Por outro

[20] ERASMO, Desidério – *El Enquiridion o Manual del Caballero Cristiano* (edición de Dámaso Alonso). Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas, 1971.

[21] ERASMO – *Elogio da Loucura* (trad. António Guimarães Pinto). Coimbra: Edições 70, 2023, pp. 115, 127.

[22] BNP - ALC-352.

[23] *Ho flos sanctõ[rum] em lingoaje[m] p[or]tugue[s]*. Lisboa: Hermão de Campos e Roberto Rabelo, 1513, f. 7v-9v.

lado, importa não esquecer que, desde o início do cristianismo, o mártir foi o «modelo» de santidade por excelência, na medida em que, ao dar a vida pela fé, imitou plenamente o paradigma de Cristo[24]. O humanismo conduziu a uma revitalização do ideal heróico, o que poderá mesmo ter influenciado a consagração da expressão «virtude heroica», no quadro dos procedimentos processuais destinados à beatificação ou canonização do candidato a «bem-aventurado» ou «santo», contribuindo para o interesse humanístico em relação à «Igreja primitiva em geral, pelos seus modelos de santidade e especialmente pelos seus mártires», que se tornaram «referências heróicas na imitação do mártir por excelência, Jesus Cristo»[25]. Por outro lado, a valorização das «Vidas» de santos, santas ou «mulheres ilustres em virtude» resultou claramente do contexto da Contrarreforma que tendia não só a recuperar algumas figuras bíblicas – que pudessem opor-se às «pagãs», difundidas por obras humanistas, na linha do *De mulieribus claris* de Giovanni Boccaccio ou relacionadas com a famosa »Querelle des femmes»[26] –, mas também para valorizar aquelas que, na afirmação do cristianismo, desde a antiguidade, foram apresentadas como modelos que glorificaram - particularmente os mártires - e que constituíram paradigmas sujeitos a renovadas imitações e atualizações[27].

Uma das obras que, em Portugal, alcançou um muito significativo sucesso foi a *Historia das vidas e feitos heróicos e obras insignes dos santos: com muitos sermões & praticas spirituaes, que servem a muitas festas do anno*), editada em 1567 e compilada pelo dominicano Frei Diogo do Rosário, a pedido do arcebispo de Braga, D. Fr. Bartolomeu dos Mártires, que inclui também uma «Vida» de Santa Bárbara[28].

Outro exemplo que podemos evocar é a *Vida milagrosa e martirio insigne de Sancta Barbara em outava ryma repartida em quatro cantos*, uma hagiografia

[24] BARCELLONA, Francesco Scorza – *Dal Modello ai modelli*. In BARONE, Giulia; CAFFIERO, Marina; BARCELLONA, Francesco Scorza (a cura di) – *Modelli di santita e modelli di comportamento. Contrasti, intersezioni, complementarità*. Torino: Rosenberg & Sellier, 1994, pp. 9-18; BARCELLONA, Francesco Scorza – *Le origini. In Storia della santità nel cristianesimo occidentale*. Roma: Viella, 2005, pp. 19-89.

[25] URBANO, Carlota Miranda – *Heroísmo, santidade e martírio no tempo das reformas*. «Península. Revista de Estudos Ibéricos», nº 1, p. 270.

[26] KELLY, Joan – *Early Feminist Theory and the Querelle des femmes, 1400–1789*. «Signs. Journal of Women in Culture and Society», 8.1, Autumn 1982, pp. 4-28; ZIMMERMANN, Margarete – *Querelle des femmes, querelles du livre*. In: COURCELLES, Dominique de; VAL JULIAN, Carmen (ed.) – *Des Femmes et des Livres. France et Espagnes (XIVe-XVIIe siècle)*. École Nationale des Chartres, 1999, pp. 80-92.

[27] COLLINA, Beatrice – *L'exemplarità delle donne illustri fra Umanesimo e Controrriforma*. In ZARRI, Gabriella (a cura di) – *Donna, disciplina, creanza cristiana dal XV al XVII secolo. Studi e testi a stampa*. Roma: Edizioni di Storia e Letteratura, 1996, pp. 103-119.

[28] ROSÁRIO, Fr. Diogo do – *Historia das vidas e feitos heróicos e obras insignes dos santos: com muitos sermões & praticas spirituaes, que servem a muitas festas do anno*. Braga: Antonio de Mariz, 1567, f. 9v-11r.

em verso manuscrita, cuja escrita foi concluída em 1583, actualmente à guarda da Biblioteca Nacional de Portugal[29]. A obra é anónima e foi dedicada à Madre Soror Bernardina da Transfiguração, abadessa do mosteiro da Madre de Deus, em Lisboa. Além de testemunhar a devoção a Santa Bárbara em Portugal, nos espaços monásticos, a escrita desta «Vida» reflecte outros aspectos que merecem destaque. É significativo que o/a autor/autora da obra utilize, como fonte, a obra de Luigi Lippomano, *Sanctorum priscorum Patrum vitae* (1551-1560). Como já salientou uma extensa bibliografia, também o mundo católico assistiu, no pós-Trento, a uma preocupação em afirmar a veracidade dos relatos hagiográficos. Por isso, como já salientou Maria de Lurdes Correia Fernandes, «se encontra já, com uma curiosa insistência, nas colectâneas de «Vidas» de santos e mártires da segunda metade do século XVI, em particular nas recolhas mais sistemáticas e amplas, como as que fizeram, em resposta a muitas críticas dos protestantes, George Witzel, com o seu *Hagiologium* (1541), Luigi Lippomano, com as suas *Sanctorum priscorum Patrum vitae* (1551-1560)[30] e Lourenço Surio com o *De probatis Sanctorum historiis* (1570-1576)[31], bem como as colectâneas mais específicas, nomeadamente dos santos de algumas ordens religiosas que a elas tinham pertencido[32], no reconhecimento e a condenação (ainda que esta não assuma contornos tão firmes como, no século XVII, a dos bolandistas) «da pouca verdade ou, pelo menos, da pouca certeza – para não falar das muitas "invenções" - de muitos relatos hagiográficos»[33]. Desta forma, é sintomático que o autor deste poema heróico se tenha socorrido da colectânea organizada por Lippomano, embora esta, como sublinhou Sofia Boesch Gajano, não tenha conhecido uma recepção muito significativa, na medida em q que suscitou diversas críticas que diziam respeito, acima tudo, o carácter confuso e incompleto dos textos, que se enquadra neste contexto, que não é alheio à «propaganda» dos santos e ao seu culto contra os ataques dos reformados.

Também no teatro encontramos exemplos que testemunham o interesse pela figura de Santa Bárbara, como é o caso do *Auto de Santa Bárbara* de Afonso

[29] BNP – F. 981.

[30] Veja-se, a propósito, GAJANO, Sofia Boesch – *La raccolta di vite di santi di Luigi Lippomano. Storia, struttura, finalità di una costruzione agiografica*, ob. cit., pp. 111-130.

[31] MARTINELLI, Serena Spanò – *Cultura umanistica, polemica antiprotestante, erudizione sacra nel* De probatis Sanctorum historiis *de Lorenzo Surio*. In GAJANO, Sofia Boesch (a cura di) – *Raccolte di vite di santi dal XIII al XVIII secolo. Strutture, messaggi, fruizioni*. Fasano de Brindisi: Schena Editore, 1990, pp. 445-464.

[32] MARTINELLI, Serena Spanò – *Le raccolte di vite di santi fra XVI e XVII secolo*. «Rivista di Storia e Letteratura Religiosa», Anno XXVII, nº 3, 1991, pp. 445-464; CARVALHO, José Adriano de Freitas (dir.) – *Quando os frades faziam história. De Marcos de Lisboa a Simão de Vasconcelos*. Porto: CIUHE, 2001.

[33] FERNANDES, Maria de Lurdes Correia – *História, santidade e identidade. O* Agiologio Lusitano d*e Jorge Cardoso e o seu contexto*. «Via Spiritus», 3 (1996), pp. 33-34.

Álvares. Embora António Anselmo, na *Bibliografia das obras impressas em Portugal no século XVI*, refira uma edição anónima de 1591, a mais antiga que se conhece é a de 1613, de Lisboa[34]. É provável que os devotos de Santa Bárbara tenham encomendado a obra a Afonso Álvares, mas será importante não perder de vista que, na vizinha Espanha, o teatro também tem dedicado uma atenção significativa a esta virgem e mártir: por exemplo, recorde-se de *La Farsa de Santa Barbara* de Diego Sánchez de Badajoz ou *La Barbara del Cielo* de Lope de Vega.

Também poderemos respigar outros exemplos que atestam a presença da devoção a Santa Bárbara em espaços monásticos e conventuais. Fr. Lucas de Santa Catarina, na *Quarta Parte da Historia de São Domingos, particular do Reyno e conquistas de Portugal* (Lisboa, 1733), conta-nos que a Madre Soror Leonor do Calvário, dominicana no convento de Nossa Senhora do Bom Sucesso, em Lisboa, «carregada de anos, cahio entrevada, que lhe quis o ceo dar mais a coroa da tolerância. Passou a recebella em dia de Santa Barbara (de quem era devota) favor, que pedio a Deos toda sua vida»[35]. O mesmo autor relata que no convento de Santa Ana, em Leiria, «tinha-se mandado fazer uma Imagem de Santa Barbara, apetecida da devoção das Religiosas, como perseguidas naquelle sitio, e suas vizinhanças de medonhas trevoadas. Por este tempo, se achavão huma madrugada as duas serventes […], no Claustro, a que descerão para serviço de huma oficina, quando virão, que por elle passava huma menina de rara fermosura, e estranha, como rica gala. Suspenderão-se como as que sabião que não havia daquella idade secular alguma na Casa, menos quem áquellas horas passasse por ella. Parou a menina, e detendo-se pouco espaço, desappareceo, observando ellas o lugar. Chegou ao dia seguinte a Imagem da Santa, e vista por ellas com a memoria fresca, testemunharão que era aquella a menina, que tinhão visto no lugar do Claustro; nelle se lhe abrio hum nicho, em que a Imagem se poz, e he venerada, conservando-se nella esta memoria»[36].

Outro exemplo que reflecte a cristalização do culto a Santa Bárbara em Portugal é a edição da obra *Flores de devoção colhidas no campo de Santa Barbara* (Lisboa, por Miguel Deslandes, 1701, com uma 2ª edição em 1738), de Inácio Lopes de Moura. No «Prólogo», o autor destaca, sobretudo, a protecção de Santa Bárbara contra os raios. A obra inclui um «romance» em verso, em castelhano, e um *Officium Beatae Barbarae virginis, et martyris*, e a tradução do mesmo texto,

[34]RODRIGUES, Maria Idalina Resina – *Auto de Sancta Barbara: a herança e os arranjos*. «Via Spiritus», 1 (1994), pp. 1-21.

[35] SANTA CATARINA, Fr. Lucas de – Q*uarta Parte de la Historia de São Domingos, particular do Reyno e conquistas de Portugal*. Lisboa: na Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1767, p. 761.

[36]SANTA CATARINA, Fr. Lucas de – *Quarta Parte de la Historia de São Domingos, particular do Reyno e conquistas de Portugal*. Lisboa: na Oficina de António Rodrigues Galhardo, 1767, p. 297-298.

em português.

Embora o século XVIII seja equacionado como o período em que o Iluminismo e o racionalismo prevaleceram em vários domínios, contribuindo para uma mudança no rumo da cultura religiosa e política, é interessante notar como algumas narrativas hagiográficas produzidas no século XVIII continuam a valorizar o domínio do maravilhoso e a devoção em torno de relíquias e imagens, destacando um quadro que poderia até ser considerado ampliado com a edição de novenas, livros devocionais, que se configuram como uma espécie de «complemento» ao culto e à devoção a Cristo, à Virgem Maria e os santos, apoiaram-se, em grande medida, numa dimensão «sensorial» dos afetos e da piedade no domínio da espiritualidade. Com efeito, apesar dos novos «ventos» do racionalismo e do Iluminismo, a segunda metade do século XVIII, que corresponde, em parte, aos tempos de governo exercido pelo Marquês de Pombal – o que foi apresentado em alguns textos da época, como adversário da Igreja - continuou a favorecer a cristalização de cultos e devoções, muitas vezes relacionados com as consequências da ocorrência de calamidades, como o terramoto de 1755.

O desastre natural de 1755 despoletaria a produção de uma amplo filão literário que equacionava, em moldes «científicos», as suas causas geofísicas, de que é exemplo a já citada obra *Historia Universal dos Terremotos que tem havido no mundo* (1758) de Joaquim Moreira de Mendonça (1758). Por outro lado, estimulou também, como é sabido, a devoção em torno de alguns santos invocados no sentido de alcançar protecção face a catástrofes naturais, como terramotos e tempestades ou até mesmo morte súbita. Será, portanto, neste contexto que se amplificará a devoção a Santa Bárbara. Deste modo, a devoção à mártir de Nicomédia traduz-se, por exemplo, no já referido *Escudo impenetravel aos trovoens, rayos, peste, e ar corrupto: administrado por Sta. Barbara, virgem, e martyr: accrescentado com a cruz de S. Bento, oraçaõ de S. Sebastiaõ, cabeça de S. Anastasio, estaçaõ do SS. Sacramento, breve, e oraçaõ de S. Roberto contra maleficios, oraçaõ de S. Antonio, Evangelho de S. Joaõ, e a novena das Almas* (Coimbra, s / d), um pequeno livro, em formato portátil, que inclui um «Hino e oração a Santa Bárbara», que será reproduzido em numerosas obras da mesma natureza:

HINO DE SANTA BÁRBARA
Deos vos salve, gloriosa Virgem,
Barbara, e generosa rosa,
Paraiso florecido
Com o lyrio da castidade.
Deos vos salve, Virgem toda formosa,

Lavada na fonte da castidade,
Doce, branda e devota,
Vaso de todas as virtudes.
Deos vos salve não sabedora da culpa,
Que ouvis ao Esposo com voz clara:
Vem formosa, vem amada,
Vem, serás coroada.
Deos vos salve, Barbara serena,
Formosa como a lua chea,
Singular cantiga,
Seguis ao Esposo Cordeiro.
Deos vos salve, Barbara bemaventurada,
Que com o Esposo preparada
Passastes aos gostos
Perfilhados das bodas.
Deos vos salve, resplandecente margarita,
Posta na coroa de Jesus,
Assim na morte, como na vida
Nos sede propicia. Amen.
Com vossa vista, e vossa formosura.
Attendei prosperamente, ide por diante, e reinai.

Inclui também uma «Oração a Santa Bárbara»:

Senhor, nós vos pedimos que a intercessão da Bemaventurada Santa Barbara, Virgem, e Martyr vossa, sempre nos ajude, para que não morramos de repente, mas antes do dia da nossa morte sejamos fortalecidos saudavelmente com os Sacramentos do vosso Santissimo Corpo, e Sangue, e o Sagrado Oleo da Extrema Unção, e protegidos de todo o mal, e levados para os Reinos Celestiaes. Vós, que viveis, e reinais com o Padre, e Espirito Santo por todos os seculos dos seculos. Amen.

Esta Oração ensinou Santa Barbara a huma sua devota, e o Papa Urbano a mandou ao bispo de Cochim D. Miguel Rangel, que a levou comsigo à sepultura, e deo vida a muitas pessoas. Tem especial virtude contra os trovões, raios, peste, e ar corrupto. Succedeo matar hum raio a huma pessoa, que a não trazia, não fazendo mal algum a vinte e tantas, que comsigo a traziam, estando no mesmo lugar.

O «livrinho» integra também uma Oração a S. Roberto; uma gravura/

verónica da cabeça de Santo Anastácio; uma oração a Santo Emídio contra os terramotos; e uma oração a Santo António.

Um outro exemplo que poderemos evocar é a obra *Desempenho Sagrado contra todo o empenho diabólico, ou celeste cofre de preciosas reliquias contra todo o poder tartáreo: permissivamente praticado em horríveis terremotos, perniciosos malefícios, mortes infaustas, partos infelices, rayos, e tempestades, ou outras quaisquer infestaçoens* […] (1756) de Luís Correia da Silva. O autor apresenta um conjunto de elementos – que designa como relíquias – que funcionavam como objectos que conferiam protecção: a primeira relíquia era a Regra de São Bento; a segunda, a «santíssima cruz de São Bento»; «a terceira, as palavras fortíssimas para acalmar a ira divina; a quarta, a oração a S. Filipe Neri; e a quinta é a milagrosa oração de Santa Bárbara».

O hino e a oração a Santa Bárbara foram também incluídos por Carlos do Vale Carneiro na obra *Horas Portuguezas do officio da Virgem Nossa Senhora, e Ramalhete Manual de diversas orações* (Lisboa, 1768). A título de exemplo, poderíamos evocar as *Devoções Particulares à Senhora Santa Barbara Advogada contra trovões e raios, para se recitarem devotamente em todo o tempo* (1761) de Fr. José de Santa Rosa; a *Novena da gloriosa Virgem, e Martyr Santa Barbara, composta por um devoto* (Lisboa, 1761), ou o *Officio e novena da gloriosa Virgem e Martyr Senhora Santa Barbara* (1762).

Após o terremoto de Lisboa, outros «livrinhos» reproduziram e divulgaram também a oração e o hino a Santa Bárbara, como a obra *Palavras Santissimas e Armas da Igreja contra Rayos, Terremotos, Peste e Maleficios*…. (Lisboa, na Of. de Ignacio Nogueira Xisto, 1760), que, de acordo com Luís Carlos Villalta, se destacava «nos registos de remessas enviadas de Portugal para o Brasil e era também conhecido como *Livro de Santa Bárbara*»[37]. As obras desta natureza estimularão uma discussão entre os deputados da Real Mesa Censória. Como já realçou Rui Tavares, a problemática que se colocava era a seguinte: «Poderão as palavras escritas ou faladas deter efeitos sobre fenómenos físicos tais como terremotos, fogos e tempestades? Alguns livrinhos impressos, que era hábito usar como amuletos, defendiam que era de facto possível»[38]. Como sublinha o mesmo autor, a oração a Santa Bárbara, ensinada pela mártir a uma devota era um exemplo. Alguns defendiam que era possível ter poderes contra o contágio

[37] VILLALTA, Luiz Carlos – *Censura literária e circulação de impressos entre Portugal e Brasil (1769-1821)*. In DUTRA, Eliana de Freitas; MOLLIER, Jean-Yves (org.) – *Política, nação e edição. O lugar dos impressos na construção da vida política. Brasil, Europa e Américas nos séculos XVIII-XX*. São Paulo: Anablume, 2006, pp. 111-134, esp. pp. 131-133.

[38] TAVARES. Rui - *Uma teologia da recepção? Os censores (em desacordo) contra a superstição, Portugal 1770-1771*. «Lusitania Sacra», 2ª série, 15 (2003), p. 211.

de certas doenças e permitir que o seu portador escapasse à morte súbita. Fr. Luís de Monte Carmelo, deputado da Real Junta Censória, defendia que tal era impossível; mas outros censores não concordaram. Assim, são evidentes os complexos problemas enfrentados pelos membros do Conselho Real de Censura, nos anos 1770-71, relativamente aos panfletos que podiam ser usados como amuletos, reflectindo assim a existência de tensões entre a censura do livro e a superstição»[39].

Como sublinhou Rui Tavares, não são os textos nem as palavras faladas que são subversivos: «o que é mais difícil para a censura controlar é o tipo de conteúdos que saltam facilmente entre formatos, do escrito ao falado, às formas de vestir e ao quotidiano. hábitos e vice-versa. Este argumento é bem exemplificado pelo facto de a única parte dos Breves de Marcos - os textos transportados pelos fiéis como uma espécie de amuleto protector - que os censores da Real Junta de Censura concordaram em suprimir - a oração portuguesa a Santa Bárbara, contra as tempestades - foi a que melhor sobreviveu até aos dias de hoje, quando muitas pessoas ainda recitam a oração de forma semiconsciente, sempre que ouve trovejar»[40].

3. A complexidade que, desde o seu início, moldou o caso de Santa Bárbara conduzirá a profundas mudanças na segunda metade do século XX. Em 1969, Paulo VI procedeu a uma reforma do santoral católico romano, promulgando nesse sentido um decreto com efeitos a partir de 1970. Seguindo a lógica do Concílio Vaticano II, uma das medidas resultantes da eclesiologia1 que vigorava em Roma foi a revisão da lista de santos católicos, retirando dela aqueles que não possuíam comprovação histórica de existência e/ou eram santos de devoção local.

Pesem embora estes receios, medos e vigilâncias, em torno da oração a Santa Bárbara – e que traduzem, efectivamente, reacções a uma «santidade incómoda» e que poderão explicar a ausência de obras sobre Santa Barbara nas livrarias de Refojos de Basto e de Vairão, ou, pelo menos, a uma devoção que poder-se-ia revestir de usos ou funcionalidades incómodos – tal não significou que a devoção

[39] TAVARES. Rui - *Uma teologia da recepção? Os censores (em desacordo) contra a superstição, Portugal 1770-1771*. Art. cit.; TAVARES, RUI – *O Censor Iluminado. Ensaio sobre o Pombalismo e a revolução cultural do século XVIII*. Lisboa: Tinta da China, 2018, pp. 521-546

[40] TAVARES. Rui - *Uma teologia da recepção? Os censores (em desacordo) contra a superstição, Portugal 1770-1771*. Art. cit., p. 236. José Augusto Mourão publicou, em 1983, um estudo intitulado «A oração a Santa Bárbara. Semiótica da ação, semiótica da manipulação", em que se apoia nesta oração que é um texto da literatura popular portuguesa, utilizado nos meios de comunicação católicos, durante as tempestades, e que deu origem a várias versões. Cf. MOURÃO, José Augusto – *A oração a Santa Bárbara (semiótica da acção, semiótica da manipulação)*. «Revista Lusitana». Nova Série, n.º 3 (1982-1983), pp. 5-36.

em seu torno e a confiança depositada no seu poder intercessor contra raios, trovões, terramotos e morte súbita se diluíssem ou extinguissem. O seu lastro continua a fazer-se sentir no século, como o comprova a edição de «Vidas» e de devocionários, mas também outras tipologias textuais, como a poesia - a título de exemplo, lembremos o poema IV de *O Guardador de Rebanhos* (publicado em 1925) de Alberto Caeiro – ou a prosa de ficção brasileira, de que e exemplo *O Sumiço da Santa* (1988) de Jorge Amado.

Hoje são muitos os fiéis que ainda se lembram de Santa Bárbara, invocando-a sempre que há relâmpagos ou tempestades. Procuramos, por isso, chamar a atenção para as estreitas e complexas relações entre a hagiografia e as orações, mostrando como certos *topoi* associados à vida de Santa Bárbara estão fortemente enraizados nas práticas devocionais: isto é demonstrado pelo uso das orações, que foram amplificadas nos tempos posteriores ao terramoto de 1755, aos quais são reconhecidas especiais qualidades protectoras em Santa Bárbara.

Artigo recebido em 30/09/2024
Artigo aceite para publicação em 15/11/2024